

VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBAL NO FALAR DE FORTALEZA – CE: A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIAIS

Maria Lidiane de Sousa PEREIRA

Aluiza Alves de ARAÚJO

Universidade Estadual do Ceará

Resumo: Neste estudo, observamos a influência de fatores sociais sobre a ausência/presença de concordância verbal (CV) com sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP), no falar da cidade de Fortaleza – CE. Para isso, testamos a atuação do *sexo*, da *faixa etária* e da *escolaridade*. Os dados analisados são provenientes de 72 entrevistas sociolinguísticas extraídas do acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Para a realização deste trabalho, tomamos como aporte teórico-metodológico os pressupostos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008) e, para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Em um total de 3.489 ocorrências do fenômeno em estudo, vimos que 65,4% corresponde ao uso da CV com a 3PP, enquanto que 34,6% das ocorrências refere-se à ausência de CV. De igual modo, descobrimos que os fatores sociais que condicionam a ausência de CV com a 3PP na amostra de fala analisada são, nesta mesma ordem de relevância: a escolaridade (*falantes com 0-4 anos e falantes com 5-8 anos*), a faixa etária (*falantes com mais de 50 anos*) e o sexo (*mulheres*). Esses resultados indicam, portanto, que no falar dos fortalezenses, a variante com marcas de CV tende a ser a mais usada. Constatamos também que a ausência de CV figura como uma forma estigmatizada sem indícios de estar tomando o lugar da variante com marcas de CV na capital cearense.

Palavras – chave: Concordância Verbal. Variação. Falar de Fortaleza. Sociolinguística.

VERBAL AGREEMENT VARIATION IN THE SPEECH OF FORTALEZA – CE: THE INFLUENCE OF SOCIAL FACTORS

Abstract: In this study, we observe the influence of social factors upon the lack/presence of verbal agreement (VA) with the subject in the 3rd person plural (3PP), in the speech of Fortaleza – CE. To achieve that, we tested the role factors such as *sex*, *age* and *education*. The data analyzed come from 72 sociolinguistic interviews extracted from the sound archive of the Project Oral Norms of the Popular Portuguese of Fortaleza (NORPOFOR). For the making of this work, we take as theoretical-methodological base the variationist sociolinguistics approach (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008) and, for the statistics analysis, we utilize the computer program Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). In a total of 3.489 occurrences of the phenomenon of this study, we saw that 65,4% correspond to

16

the use of VA with the 3PP, while the other 34,6% of the occurrences refer to the lacking of VA. In the same way, we found out that the social factors that cause the lacking of VA with the 3PP in the sample of speech analyzed are, in order of relevance: education (*speakers with 0-4 years and speakers with 5-8 years*), age (*speakers above 50 years*) and sex (*women*). Such results indicate, therefore, that in the speech of the people from Fortaleza, the variants with marks of VA tend to be more used. We also verified that the lacking of VA presents itself as a stigmatized form with no indications of taking the place of variants with marks of VA in the cearense capital.
Keywords: Verbal Agreement. Variation. Fortaleza's Speech. Sociolinguistics.

VARIACIÓN EN LA CONCORDANCIA VERBAL EN EL HABLAR DE FORTALEZA – CE: LA INFLUENCIA DE LOS FACTORES SOCIALES

Resumen: En el presente estudio, se observa la influencia de los factores sociales sobre la ausencia/presencia de concordancia verbal (CV) con el sujeto en la 3ª persona del plural (3PP), ambientado, en la Ciudad de Fortaleza – CE. Para eso, testamos la actuación del *sexo*, *grupo de edad* y el *nivel de enseñanza*. Los datos analizados son derivados de 72 entrevistas sociolingüísticas extraídas del acervo sonoro del Proyecto Norma Oral del Portugués Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Para la realización de ese trabajo, tomamos como soporte teórico–metodológico los presupuestos de la sociolingüística variante (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008) y, para análisis estadística de los datos, se usó el programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). En una totalidad de 3.489 ocurrencias del fenómeno en estudio, vimos que 65,4% corresponde al uso de la CV con la 3PP, mientras que 34,6% de las ocurrencias se refieren a la ausencia de CV. De la misma manera, descubrimos que los factores sociales que condicionan la ausencia de CV con la 3PP en la muestra de discursos analizados son, en esa misma orden de relevancia: la escolaridad (hablantes entre 0-4 años y hablantes entre 5-8 años), grupo de edad (hablantes con más de 50 años), y el sexo (mujeres). Esos resultados indican, por lo tanto, que en el “hablar” de los fortalezenses, la variante con marcas de CV tiende a ser más usada. Constatase también que la ausencia de CV aparenta una forma estigmatizada sin indicios de tomar el lugar de la variante con marcas de CV en la Capital Cearense.

Palabras – llave: Concordancia Verbal. Variación. El hablar de Fortaleza. Sociolingüística.

INTRODUÇÃO

O fenômeno de variação na concordância verbal (doravante CV) com a 3ª pessoa do plural (doravante 3PP) no falar brasileiro há mais de três décadas tem despertado o interesse de diversos estudiosos no Brasil, em particular dos vinculados à sociolingüística variacionista (NARO; LEMLE, 1976; LEMLE; NARO, 1977; NARO, 1981; GUY, 1981; SCHERRE; NARO, 1997, 1998; ANJOS, 1999; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; MONGUILHOTT, 2009).

Embora esse seja um fenômeno de variação amplamente estudado, ainda é possível encontrar inúmeras variedades do português do Brasil (doravante PB) que não dispõem de nenhum estudo sociolinguístico sobre a variação na CV com a 3PP. Até a realização deste trabalho, esse era o caso da variedade de fala da cidade de Fortaleza – CE, capital do estado do Ceará.

Diante dessa lacuna, resolvemos investigar a variação na CV com a 3PP a partir de uma nova e inédita amostra de fala, com o intuito de observar quais fatores sociais condicionam, principalmente, o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP¹. Para tanto, analisamos uma amostra de fala proveniente de 72 entrevistas do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) disponíveis no acervo sonoro do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante NORPOFOR)². Com isso, testamos a atuação dos fatores sociais *sexo, faixa etária e escolaridade* sobre a variação na CV com a 3PP no falar dos fortalezenses.

Como aporte teórico metodológico, tomamos como norte os pressupostos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1994, 2006, 2008). Dentre os pontos que podem justificar a escolha dessa vertente, destacamos que desde seu surgimento, em meados da década de 1960, a sociolinguística variacionista tem buscado observar a estreita relação entre língua e sociedade (CALVET, 2002). Assim, diversos estudos desenvolvidos à luz da referida teoria têm indicado que os inúmeros fenômenos de variação linguística, caso da CV com a 3PP, decorrem não somente da atuação de fatores linguísticos, mas também sociais. Importante colocar, que seguindo os princípios da sociolinguística variacionista, intentamos observar o *quantum* com que cada fator testado influencia (ou não) o uso das variantes em ‘competição’ (TARALO, 1985).

Salientamos ainda, que para a observação da variação na CV com a 3PP no falar de Fortaleza – CE, formulamos algumas hipóteses³ iniciais: (i) esperamos que a ausência de CV prevaleça sobre a variante com marcas de CV; (ii) acreditamos que os falantes com menos escolaridade favorecem a ausência de CV; (iii) os falantes mais jovens beneficiam a ausência de CV; (iv) os informantes do sexo masculino favorecem a ausência de CV.

¹ Na seção 3, explicitamos o porquê dessa opção metodológica.

² Na seção dedicada à metodologia do trabalho, tornamos a tratar do NORPOFOR.

³ Em nossa metodologia, esclarecemos algumas das razões que justificam essas hipóteses.

Além desta introdução e das considerações finais, este artigo é composto por três seções. Na seção um, discutimos alguns dos principais resultados obtidos para a atuação de fatores sociais em outros estudos sociolinguísticos sobre a variação na CV com a 3PP em diferentes variedades de fala do PB. Acreditamos que a revisão desses trabalhos é importante, pois assim, oferecemos ao leitor uma visão, ainda que panorâmica, acerca da atuação de fatores sociais sobre a variação na CV com a 3PP em diferentes variedades do PB. Além disso, os resultados alcançados por outros estudiosos embasam nossas expectativas em relação à influência de fatores sociais sobre o fenômeno abordado neste estudo. Na seção dois, delineamos os procedimentos metodológicos percorridos. Na seção três, por sua vez, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com este trabalho.

1 O FENÔMENO EM ESTUDO

Estudos sobre a variação na CV com a 3PP desenvolvidos à luz da sociolinguística variacionista apontam que o fenômeno em tela figura, no PB, como uma regra essencialmente variável, pois, mesmo em casos para os quais as gramáticas tradicionais (doravante GTs) exigem o emprego de marcas padrões de CV (cf. BECHARA, 2001; CUNHA; CINTRA, 2013), nem sempre, no uso real da língua, tais exigências são atendidas pelos falantes. Essas e outras constatações há mais de três décadas nutrem o interesse de estudiosos pelo fenômeno de variação na CV.

Esses pesquisadores, por sua vez, empenham-se em procurar explicações cada vez mais sólidas e construídas com base em dados empíricos para o fato de que, ora os falantes realizam a concordância, tal como prega a tradição normativa, ora não. Em linhas gerais, os sociolinguistas percebem a ausência *versus* presença de marcas de CV com a 3PP como o resultado da influência de fatores linguísticos e sociais. Isso tem sido de suma importância para indicar que, tanto a variante com marcas, como a variante sem marcas de CV são perfeitamente regulares no uso real da língua e romper, assim, com a manutenção de estigmas e preconceitos que comumente recaem sobre a variante sem marcas de CV. No que tange à atuação de fatores sociais, a *faixa etária*, a *escolaridade* e o *sexo* têm se mostrado bastante pertinentes para o comportamento variável da CV com a 3PP no PB.

Sobre a influência da variável *faixa etária*, o estudo de Anjos (1999), realizado com dados extraídos do *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)*, sobre o falar de João Pessoa – PA, indicou que falantes com 15-25 anos favorecem a marcação de CV (0.57)⁴. Por outro lado, falantes com 26-49 anos (0.42), bem como informantes com mais de 50 anos (0.49) de escolaridade não se mostraram propensos ao uso da variante com marcas de CV.

Em Monguilhott (2009) – estudo realizado sobre o falar de Florianópolis – SC – as análises apontaram que falantes jovens/ensino fundamental (0.32) inibem o uso da CV, assim como os falantes velhos/ensino fundamental (0.28). Por outro lado, os falantes jovens/ensino superior (0.74) e velhos/ensino superior (0.54) favoreceram o uso da CV com a 3PP.

É notável, na metodologia empregada por Moguilhott (2009), a preocupação em observar a variável *faixa etária* associada diretamente a outros fatores, mais especificamente, aos níveis de *escolaridade* possuídos pelos informantes da pesquisa. Essa preocupação pode ser justificada, ao menos em parte, pelo fato de que, é de suma importância observar o comportamento das variáveis sociais a partir da interação entre elas. A esse respeito, Naro (2012, p. 81) nos diz que:

[...] as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exerçam atividades sócio-econômicas que exigem uma boa apresentação para o público.

Monte (2007), que estudou a variação na CV com a 3PP em uma comunidade periférica de São Carlos – SP, a partir de dados coletados em 20 entrevistas sociolinguísticas organizadas pelo próprio autor, testou o comportamento da variável *escolaridade*. Seus informantes, homens e mulheres da comunidade, possuíam *escolaridade nula* ou cursavam o *ensino fundamental pelo EJA*. Os resultados para a variável *escolaridade* apontaram que os falantes não escolarizados não favorecem o uso da CV (0.40). Por outro lado, os falantes escolarizados pelo EJA (0.60) beneficiam o uso da CV. Para Monte (2007), esses resultados indicam que “a

⁴ A numeração entre parêntese corresponde ao peso relativo obtido para as pesquisas em destaque.

escolarização, mesmo supletiva, influencia o fenômeno variável de concordância verbal” (MONTE, 2007, p. 98).

No estudo de Oliveira (2005), a variação na CV com a 3PP foi observada a partir de dados coletados na fala de 48 informantes nascidos e residentes em Vitória da Conquista – BA e que fazem parte de projetos sociolinguísticos realizados na Universidade Sudoeste da Bahia. Oliveira (2005) também observou o comportamento da variável *escolaridade*. De acordo com os resultados obtidos para a referida pesquisa, os falantes com ensino fundamental beneficiam a ausência de CV (0.67), ao contrário dos falantes com ensino médio (0.49) e superior completo (0.28).

No que tange à variável *sexo*, o estudo de Sgarbi (2006), realizado com amostra de fala colhida em 30 municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, disponíveis no projeto *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)*, indicou que as mulheres (0.75) da amostra tendem a ser mais sensíveis ao uso da variante com marcas de CV do que os homens (0.30).

Ainda a respeito da atuação do *sexo* sobre a variação na CV com a 3PP, destacamos o estudo de Alves da Silva (2005), realizado com base na linguagem falada em três comunidades do interior do estado da Bahia: Poções (urbana), Cinzento e Morrinho (rurais). Os dados do referido estudo foram extraídos de 36 gravações (12 para cada comunidade) pertencentes ao *Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia*. Ao observar o comportamento do *sexo* sobre a variação na CV com a 3PP, Alves da Silva (2005) verificou que, em sua amostra, os homens (0.57) favorecem a CV, ao contrário das informantes do sexo feminino (0.43).

Partindo do reconhecimento de que o comportamento variável da CV com a 3PP no uso real da língua é fruto da atuação de fatores linguísticos e sociais, estudos como os de Anjos (1999), Sgarbi (2006), Alves da Silva (2005), Oliveira (2005), Monte (2007), Monguilhott (2009), dentre outros, indicam que, no que tange aos fatores sociais, a *faixa etária*, o *sexo* e a *escolaridade* exercem importante influência sobre o fenômeno em discussão. Sobre a *faixa etária*, o estudo de Anjos (1999) apontou que os falantes mais jovens de sua amostra (15-25 anos) favorecem o uso da CV. Sobre a atuação do *sexo*, o estudo de Sgarbi (2006) indicou as mulheres como aliadas da CV com a 3PP, enquanto que os homens inibiram a manutenção da

CV. Por outro lado, no estudo de Alves da Silva (2005) foram os homens que beneficiaram a CV, ao contrário das mulheres. Já para a variável *escolaridade*, o trabalho de Oliveira (2005) apontou os falantes com menos escolarização (ensino fundamental) como favorecedores da ausência de CV, enquanto que o estudo de Monte (2007) indicou os informantes com mais escolaridade (EJA) como beneficiários da CV com a 3PP.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 O CORPUS E A AMOSTRA DE FALA

Conforme indicamos na introdução, a amostra de fala usada neste estudo foi extraída do acervo sonoro do projeto NORPOFOR. Construído entre agosto de 2003 e julho de 2006, o NORPOFOR foi organizado com o intuito de “armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses” (ARAÚJO, 2007, p. 52). Antes de o NORPOFOR ser construído, Araújo (2011) destaca que não tínhamos um *corpus* que fosse quantitativamente representativo da variedade popular⁵ da capital cearense, muito menos “que controlasse as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro” (ARAÚJO, 2011, p. 836).

Seguindo os princípios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e construído nos moldes do projeto Norma Urbana Culta (doravante NURC), o NORPOFOR comporta hoje 149 gravações, com os quais podemos ter acesso à fala de 198 fortalezenses, estratificados de modo, relativamente equilibrado, conforme o *sexo*⁶ (masculino e feminino), a *faixa etária* (I – 15 a 25 anos; II – 26 a 49 anos e III – 50 anos em diante), a *escolaridade* (A – 0 a 4 anos; B – 5 a 8 anos e C – 9 a 11 anos) e o *tipo de registro*: DID (Diálogo entre Informante e Documentador), EF (Elocução Formal: aulas ministradas por professores leigos, pregações ou palestras) e D2 (Diálogo entre Dois Informantes).

⁵ Embora estejamos cientes da enorme complexidade que cerca os conceitos de fala popular no PB, assumimos, para fins metodológicos, que o português popular brasileiro pode ser entendido, a princípio, como o conjunto de variedades linguísticas que tende a ser usado mais frequentemente por falantes sem ensino superior completo e oriundos de zonas rurais ou das periferias dos grandes centros urbanos (LUCCHESI, 2001; BAGNO, 2003; SANTIAGO, 2013).

⁶ Embora para a construção do NORPOFOR, o termo gênero tenha sido adotado, frisamos que nesta pesquisa, adotamos o termo sexo, visto que as distinções feitas dos falantes, em relação a essa variável social, aconteceram, essencialmente, com base em diferenças biológicas.

Para a elaboração deste trabalho, realizamos um recorte no quadro geral de informantes do NORPOFOR e selecionamos 72 falantes para compor nossa amostra. Frisamos que das variáveis sociais, a partir das quais se deu a estratificação dos informantes do NORPOFOR, controlamos todas, com exceção do tipo de registro, para o qual optamos por trabalhar apenas com gravações do tipo DID.

Sobre a opção de considerar apenas os DID, salientamos que ela pode ser justificada por três motivos: primeiro, o trabalho com o DID permitiu que uma amostra totalmente equilibrada, quanto ao número de informantes selecionados por célula, fosse montada. Segundo, verificamos que nos registros do tipo DID há menos sobreposição de vozes em comparação com o D2 e EF, o que certamente facilita a audição dos dados. Em terceiro, sabemos que, na grande maioria dos trabalhos já realizados sobre a variação na CV com a 3PP, também foram utilizados os DID. Esse último ponto pode, na medida do possível, facilitar possíveis comparações entre os resultados deste estudo e os alcançados por outros estudiosos do fenômeno.

A distribuição dos informantes, de acordo com o sexo, a faixa etária e a escolaridade selecionados para este trabalho pode ser mais bem visualizada no quadro 1:

Quadro 1 - Distribuição dos informantes em função das variáveis sociais controladas em nossa amostra

		Sexo						
		Masculino			Feminino			
		Escolaridade	(0-4)	(5-8)	(9-11)	(0-4)	(5-8)	(9-11)
Faixa Etária	15 a 25 anos		4	4	4	4	4	4
	26 a 49 anos		4	4	4	4	4	4
	a partir de 50 anos		4	4	4	4	4	4

2.2 VARIÁVEIS

2.2.1 Variável dependente

Nossa variável dependente é de natureza binária, ou seja, comporta duas variantes linguísticas. Na primeira, as marcas de pluralidade impostas pelas GTs para a CV com a 3PP são preservadas. Já, na segunda, as marcas de pluralidade impostas pela tradição normativa não são mantidas. A título de ilustração, vejamos as ocorrências de 1 a 6, todas retiradas da amostra de fala usada neste trabalho.

Ausência de CV com a 3PP

(1) eles vive direitinho aí... (NORPOFOR, DID 06).

(2) elas tratava a gente como gente... (NORPOFOR, DID 06).

(3) as minhas irmã também sofreu muito... (NORPOFOR, DID 06).

Presença de CV com a 3PP

(4) eles queriam pelar a minha cabe::ça (NORPOFOR, DID 06).

(5) e eles não tão nem aí... quando a pessoa pega uma coisinha como essa a minha neta... (NORPOFOR, DID 06).

(6) meus pais morrerU muito ce::do... (NORPOFOR, DID 06).

Tendo em vista que trabalhamos com uma amostra de fala tida como popular, nossa hipótese inicial é a de que os índices de ausência de CV sejam maiores do que a presença de CV.

2.2.2 Variáveis independentes

Sexo

Testamos a atuação da variável sexo, a fim de analisar o comportamento de homens e mulheres, na amostra de fala usada neste trabalho, diante da variação na CV com a 3PP. Para tanto, a variável sexo, neste estudo, é composta por dois fatores:

- a) Homens
- b) Mulheres

Tendo em vista que este artigo contempla um fenômeno de variação marcado socialmente, apresentando, de um lado, uma variante bem avaliada socialmente, de outro, uma variante estigmatizada, esperamos que as mulheres não favoreçam o uso da variante sem marcas de CV. Em sentido oposto, supomos que os homens atuam de modo favorável ao uso da variante sem marcas de CV com a 3PP na comunidade de fala de Fortaleza – CE.

Diante dessas expectativas, convém destacar as palavras de Labov (2006, p. 402, tradução nossa)⁷ quando nos diz que, “apesar das mudanças radicais na posição socioeconômica das mulheres nas sociedades, devemos lembrar que elas seguem se mostrando mais preocupadas [com a educação] das crianças e figurando como um grupo de *status* menos favorecido”. Com isso, vemos que o reconhecimento de que as mulheres ainda tendem a desempenhar um forte papel materno e ocupar uma posição ainda não favorecida em sociedades como a nossa podem fazer com que as mulheres busquem preservar, em seu comportamento linguístico, formas linguísticas prestigiadas, conforme aponta Santos (2011, p.48):

As mulheres sinalizam seu *status* social através da sua utilização da norma, abertamente variantes de prestígio. A entrada feminina no mercado de trabalho é um fato relativamente recente. A necessidade de reconhecimento profissional e social é ainda uma prioridade feminina. Os homens, por outro lado, já conquistaram os espaços públicos, o respeito e reconhecimento sociais necessários, o que sinaliza uma diferença de prioridade entre os grupos. Enquanto mulheres ainda têm de buscar respeito social, os homens podem contar com a memória coletiva e gozar do reconhecimento de que gozam os falantes desse gênero.

Faixa etária

Papel importante, no quadro das pesquisas sociolinguísticas, também é atribuído à variável faixa etária. Ela nos permite observar não somente um quadro de variação, mas também nos possibilita formular inferências sobre um possível quadro de mudança. De modo geral, assumimos que falantes com diferentes faixas etárias e, portanto, pertencentes a diferentes gerações, tendem a apresentar diferenças em seus comportamentos linguísticos.

⁷ No original: “A pesar de los cambios radicales en la posición socioeconómica de las mujeres en las sociedades que habremos de considerar, seguen siendo quienes más se ocupan de niños y siguen un grupo de estatus secundario”.

De igual modo, com a variável faixa etária, bem como com o auxílio de outros fatores sociais como o sexo e escolaridade, além dos fatores linguísticos – dependendo do fenômeno investigado – é possível inferir se um fenômeno apresenta indícios de mudança em curso ou se figura como variação estável. A esse respeito, destacamos, conforme Araújo (2007, p. 395) que:

[...] o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas formas alternantes que substituem gradativamente aquelas que caracterizam a fala de indivíduos de faixas etárias mais velhas.

Assim, vemos que os grupos mais jovens tendem a se mostrar mais favoráveis ao uso de formas inovadoras, enquanto falantes mais velhos podem se mostrar mais conservadores diante de fenômenos de variação e mudança linguística. Para nosso trabalho, esse é, justamente, o comportamento que esperamos dos informantes selecionados.

Em outras palavras, acreditamos que falantes mais jovens favorecem a ausência de CV com a 3PP no falar popular de Fortaleza – CE, ao contrário dos falantes mais velhos.

Lembramos que, para a variável faixa etária, trabalhamos com três faixas distintas, segundo o modelo de construção do NORPOFOR:

- a) Faixa I: 15 a 25 anos
- b) Faixa II: 26 a 49 anos
- c) Faixa III: A partir de 50 anos

Escolaridade

Ao lado da faixa etária e do sexo, testamos também a atuação da variável escolaridade sobre a variação na CV com a 3PP em nossa amostra. Em linhas gerais, a literatura especializada tem indicado que graus mais elevados de escolaridade tendem a aproximar a fala e/ou escrita dos sujeitos, pertencentes a determinadas comunidades de fala, do modelo de língua perpetuado pela escola que, na grande maioria das vezes, reflete um modelo padronizado e que, supostamente, se aproxima da língua e/ou escrita dos falantes situados em escalas sociais mais favorecidas (FARACO, 2008; VOTRE, 2012).

No que tange à variação na CV com a 3PP, os estudos sociolinguísticos, incluindo alguns dos que comentamos na seção 2, apontam que a ausência de CV é favorecida por informantes com pouca ou nenhuma escolarização. Em sentido oposto, falantes com altos níveis de escolarização tendem a favorecer, de maneira mais acentuada, o uso da CV.

Desse modo, somos levadas a supor que falantes com pouco ou nenhum acesso aos bancos escolares usam mais discretamente formas prestigiadas e conservadas pela tradição escolar. Ao testarmos a variável escolaridade, trabalhamos, neste estudo, com os três níveis contemplados pelo projeto NORPOFOR, isto é:

- a) Nível I: 0 a 4 anos
- b) Nível II: 5 a 8 anos
- c) Nível III: 9 a anos

2.2.3 Levantamento de dados e ferramenta de análise estatística

Após a delimitação da variável dependente, bem como das variáveis independentes controladas neste estudo, ouvimos os 72 informantes selecionados e tabulamos todas as ocorrências do fenômeno de variação na CV com a 3PP que encontramos. Em seguida, codificamos todas as ocorrências do fenômeno em estudo. Nessa parte do trabalho, cada fator testado recebeu um código diferente. Para tanto, seguimos as instruções de Guy e Zilles (2007) e usamos as letras, números e outros símbolos que compõem os caracteres disponíveis no computador.

Para as análises estatísticas, adotamos o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Atualmente, esse programa computacional figura como uma adaptação do VARBRUL (Cf. PINTZUK, 1988) para o ambiente *Windows* (SCHERRE, 2012). De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105), “o Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. As análises são tidas como multivariadas porque permitem “separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p.34).

Além de fornecer as porcentagens de uso para as variantes estudadas, o GoldVarb X também nos fornece os chamados pesos relativos. Tendo em vista que o fenômeno de variação

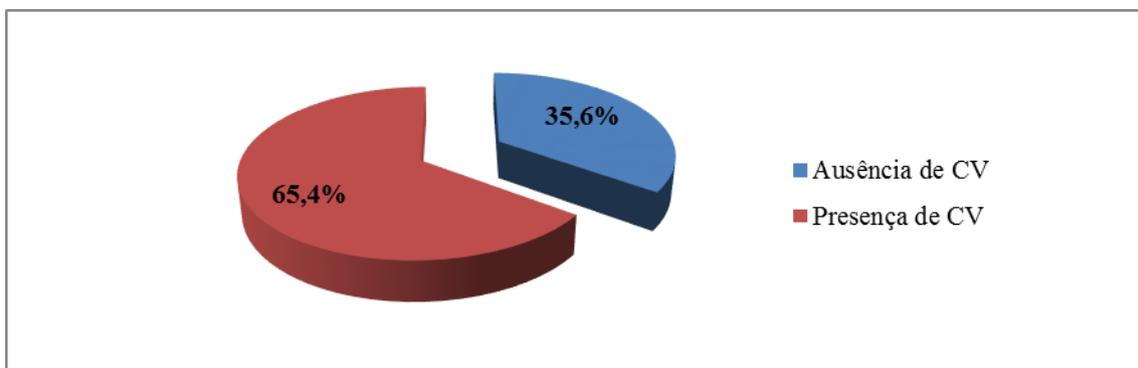
considerado neste trabalho é composto por uma variável binária, entenderemos, conforme explicam Guy e Zilles (2007, p. 211), que o efeito do peso relativo “[...] pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo”. Por último, pontuamos que todas as rodadas foram feitas em função da variante sem marcas de CV com a 3PP.

Como justificativa para essa opção metodológica, colocamos que a variante sem marcas de CV, conforme sinalizamos anteriormente, é fortemente estigmatizada socialmente. Nesse sentido, estamos, portanto, apresentando dados estatísticos capazes de confirmar o quantum com que fatores sociais condicionam o uso de tal variante. Assim, mostramos que a ausência de CV não acontece de modo aleatório, tampouco reflete uma espécie de deficiência linguística por parte do falante.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com a audição dos 72 entrevistados de nossa amostra, obtivemos 3.489 ocorrências de variação na CV com a 3PP. Desse total, 2.283 (65,4%) apresentam a CV, enquanto que 1.206 (34,6%), das ocorrências, correspondem à ausência de CV, conforme o gráfico 1:

Gráfico 1 - Frequência de uso das variantes investigadas



Os resultados do gráfico 1 indicam que, ao contrário do que esperávamos, a frequência de uso da ausência de CV foi notavelmente menor do que o uso da CV com a 3PP, presente quase que no dobro das ocorrências do fenômeno em nossa amostra. A partir disso, podemos afirmar que, no processo de variação entre presença *versus* ausência de CV com a 3PP, em

nossa amostra, há a predominância da CV. Também vemos que, no falar dos nossos informantes, a ausência e presença de CV coexistem e são usadas, em maior e menor grau em situações reais de interação verbal.

Além de indicar qual a variante mais usada pelos falantes selecionados para este trabalho, o GoldvarbX também apontou como relevantes para o fenômeno investigado e, nessa mesma ordem de seleção, a *escolaridade*, a *faixa etária* e o *sexo*. Pontuamos que para essa rodada o melhor nível de análise foi o *step up* 45, com *input* de 0.275 e nível de significância igual a 0.010, o que indica que a variante sem marcas de CV tem grandes probabilidades de ocorrer nos contextos selecionados.

Atuação da escolaridade

Os resultados obtidos para a variável escolaridade estão devidamente distribuídos na tabela 1.

Tabela 1 - Atuação da variável escolaridade sobre a ausência de CV

Escolaridade	Apl/Total	%	PR
0-4 anos	523/1.096	47,7%	0.694
5-8 anos	381/1.020	37,4%	0.525
9-11 anos	302/1.373	22,0%	0.326

De acordo com esses resultados, os falantes com 0-4 anos de escolaridade são, na amostra deste estudo, os grandes favorecedores da ausência de CV com a 3PP. Para os falantes com 0-4 anos, foi registrada uma frequência de uso da variante sem marcas de CV igual a 47,7% e peso relativo de 0.694. De igual modo, vemos que os informantes com 5-8 anos também favoreceram, ainda que discretamente, a ausência de CV. Para eles, registramos uma frequência de uso da variante sem marcas de CV igual a 37,4% e peso relativo de 0.525. Em sentido oposto, os falantes com 9-11 não se mostraram favoráveis ao uso da ausência de CV, atingindo uma frequência de 22,0% e peso relativo igual a 0.326.

Esses resultados não apenas indicam os falantes com 0-4 anos e 5-8 anos de escolarização como mais sensíveis ao uso da variante sem marcas de CV, mas também confirmam as hipóteses que inicialmente levantamos para os três fatores que compõem a

variável escolaridade. Em outras palavras, esperávamos mesmo que os falantes com 0-4 anos se mostrassem mais propensos à ausência de CV do que os falantes com 5-8 anos e com 9-11 anos, o que de fato, foi confirmado.

Dentre os pontos que podem justificar nossas expectativas iniciais e que se confirmaram, destacamos que os informantes com 0-4 e 5-8 anos de escolaridade selecionados para compor nossa amostra correspondem, em geral, a sujeitos que, além de possuir menos contato com o contexto de ensino formal, aparentemente não exerciam atividades profissionais que exigissem deles um comportamento linguístico mais próximo do padrão escolar. Esse não era o caso de falantes com até 11 anos de escolarização, para os quais esperávamos índices menores de uso da variante sem marcas de CV e, conseqüentemente, o seu não favorecimento.

Além disso, a hipótese preliminar de que os falantes com menos escolaridade seriam aliados ao uso da variante sem marcas de CV era amparada pelo fato de que, durante a observação dos estudos relevantes para a variação na CV com a 3PP, já realizados em outras variedades do PB (ANJOS, 1999; SGARBI, 2006; MONTE, 2007; MONGUILHOTT, 2009), percebemos o constante favorecimento do uso da variante sem marcas de CV no comportamento de sujeitos com mais escolaridade. Isso, naturalmente, nos levou a supor que falantes com menos escolarização poderiam favorecer a ausência de CV em nossa amostra.

De igual modo, é fato conhecido que a escola tende a atuar sobre a fala e/ou escrita dos indivíduos que a frequentam (VOTRE, 2012) no sentido de preservar as formas adotadas pelas GTs e, geralmente, tidas como prestigiadas. Assim, acredita-se que o uso da variante sem marcas de CV tende a ser maior no comportamento de falantes que possuem pouca ou nenhuma escolaridade e menor no comportamento de falantes com mais escolaridade, uma vez que a ausência de CV não é preservada pelas GTs, mas sim alvo constante de correção (MONTE, 2007; CARDOSO; COBUCCI, 2014). Neste sentido, Ribeiro e Lacerda (2013, p. 96) indicam:

[...] a atuação da escola [...] é um fator que busca homogeneizar a língua em todo o território brasileiro, independentemente das divisões sócio-geográficas. Essa pretensa homogeneização se dá rumo à fala urbana,

que, por sua vez, caminha em direção à língua padrão, à língua dos nossos colonizadores europeus, já que, até hoje, é a língua portuguesa (e não o português brasileiro) que ocupa o lugar central (e/ou único) nas escolas brasileiras, bem como nos meios de comunicação em massa.

Vemos, com isso, que a escola exerce papel de grande importância diante de fenômenos de variação e mudança, podendo refreá-los, quando condena o uso de determinadas variantes, caso da variante sem marcas de CV com a 3PP, ou ajudando a disseminá-la. Neste último caso, a escola toma as variantes como objeto de ensino e, quando não as insere no quadro de estudos programados, pelo menos não as condena, o que certamente contribui para que as formas que não aparecem nas GTs sejam menos marcadas socialmente.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que, a julgar pelo comportamento da variável escolaridade, a ausência de CV na amostra estudada por nós é uma forma que acarreta estigma, sendo coibida por falantes com mais anos de escolaridade na amostra de fala estudada.

Atuação da faixa etária

Conforme indicamos anteriormente, a variável faixa etária foi a segunda apontada como relevante para este estudo. Os resultados obtidos para este grupo de fatores estão distribuídos na tabela 2.

Tabela 2 - Atuação da variável faixa etária sobre a ausência de CV

Faixa etária	Apl/Total	%	PR
15-25 anos	302/918	32,9%	0.474
26-49 anos	414/1.406	29,4%	0.445
Mais de 50 anos	490/1.165	42,1%	0.586

Os resultados da tabela 2 indicam que, no falar popular de Fortaleza – CE, os falantes com mais de 50 anos de idade favorecem o uso da variante sem marcas de CV com a 3PP (0.586). Por outro lado, os falantes com 15-25 anos (0.474) e 26-49 (0.445) não beneficiam a ausência de CV.

Esses resultados refutam nossas hipóteses iniciais para os fatores que compõem a variável faixa etária, isso porque, inicialmente acreditávamos que os falantes mais jovens, por supostamente serem menos conservadores do ponto de vista linguístico, poderiam favorecer a ausência de CV. De igual modo, acreditávamos que os falantes com mais de 50 anos realizariam mais a CV, visto que esperávamos deles um comportamento mais conservador (ECKERT, 1989).

Em direção oposta as nossas expectativas, os resultados obtidos neste trabalho, para a variável faixa, não apontam os falantes mais velhos como aliados do uso da CV. Contudo, nossos dados caminham em direção aos resultados já apontados por outros estudiosos para o comportamento da variação na CV com a 3PP, segundo a variável faixa etária (ANJOS, 1999; ALVES DA SILVA, 2005; OLIVEIRA, 2005; MONGUILHOTT, 2009), isso porque percebemos uma tendência, por parte dos falantes mais velhos, a não favorecerem o uso da variante com marcas de CV também em outras variedades do PB.

Atuação do sexo

Para esta pesquisa, o sexo foi a última variável apontada como relevante pelo Goldvarb X. Os resultados obtidos para a atuação do sexo estão explícitos na tabela 3.

Tabela 3 - Atuação da variável sexo sobre a ausência de CV

Sexo	Apl/Total	%	PR
Homens	564/1.755	32,1%	0.472
Mulheres	642/1.734	37,0%	0.528

Esses resultados indicam que, ao contrário do esperado, as mulheres (0.528) favoreceram o uso da variante sem marcas de CV, ainda que discretamente, enquanto que os homens (0.472) inibiram a ausência de CV. Assim, vemos que, embora as mulheres favoreçam a ausência de CV, não nos parece válido indicar que o comportamento de nossas informantes apresenta notáveis distinções do comportamento dos homens no que tange à variação na CV com a 3PP, na amostra deste estudo. Afinal, as diferenças entre os pesos relativos obtidos não se mostraram acentuadas.

Lembramos que esperávamos que os resultados da variável sexo apontassem as mulheres como não aliadas da ausência de CV. Esses resultados eram esperados porque, em

conformidade com a literatura pertinente, tradicionalmente acredita-se que as mulheres tendem a fazer um uso maior das formas linguísticas prestigiadas do que os homens. Comportamento esse que vem sendo confirmado em algumas pesquisas (SGARBI, 2006; MONTE, 2007) e refutado, assim como neste estudo, em outros trabalhos (ALVES DA SILVA, 2005) sobre variação na CV com a 3PP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, constatamos que a variação na CV com a 3PP é um fenômeno bastante recorrente na variedade de fala de Fortaleza – CE. Ao contrário do que esperávamos, o uso da variante com marcas de CV prevaleceu significativamente sobre a ausência de CV no comportamento dos informantes selecionados para este estudo. Ao testarmos o papel dos fatores sociais sobre o referido fenômeno, vimos que a *escolaridade*, a *faixa etária* e o *sexo*, nessa mesma ordem, se mostraram relevantes.

Com a *escolaridade*, descobrimos que os falantes com 0-4 e 5-9 anos de escolarização, isto é, os menos escolarizados, favorecem a ausência de CV, ao contrário dos falantes com 11 anos que inibiram o uso da mesma regra. Esse resultado indica que, na amostra de fala analisada, a ausência de CV pode ser vista como um traço linguístico estigmatizado. Com a *faixa etária*, verificamos que os falantes mais velhos (acima de 50 anos) beneficiam a ausência de CV, ao contrário dos falantes com idade intermediária (26-49 anos) e os mais jovens (15-25 anos). Por último, o comportamento da variável *sexo*, indicou as mulheres de nossa amostra como aliadas ao uso da variante sem marcas de CV, enquanto que os homens se comportaram de modo a refrear a ausência de CV.

Embora esses resultados indiquem que falantes considerados mais conservadores, caso dos informantes mais velhos e do sexo feminino, estão favorecendo a ausência de CV, o que poderia sinalizar um possível quadro de mudança, não nos parece interessante ventilar a tese de que, a amostra de fala estudada neste trabalho, aponta que a variante sem marcas de CV está substituindo a variante com marcas. Afinal, além dos pontos ligados aos papéis dos falantes da amostra colocados ao longo do texto, como o fato de os mais velhos estarem há mais tempo longe dos bancos escolares, o que pode afastá-los das variantes prestigiadas

socialmente, os percentuais de uso das variantes em estudo apontam claramente que a variante com marcas de CV (65,4%) tende a ser muito mais recorrente do que a variante sem marcas de CV (35,6%).

Na verdade, parece-nos que, no falar de Fortaleza – CE, o uso da ausência de CV está sendo barrado e a variante com marcas de CV preservada. Isso, de certo modo, não surpreende, pois, embora tenhamos trabalhado com uma amostra de fala tida como popular, não podemos esquecer que ela é representativa do falar de uma das maiores metrópoles do Brasil. Acreditamos que o fato de que os informantes deste trabalho serem oriundos de um grande centro urbano tende, portanto, a aproximá-los das variantes linguísticas com mais prestígio social, caso da presença de marcas de CV com a 3PP.

Embora estejamos cientes das limitações deste trabalho, como por exemplo, o fato de termos abordado apenas a influência de fatores sociais, descartando, nesse primeiro momento, as possíveis influências de fatores linguísticos sobre a variação na CV com a 3PP no falar de Fortaleza – o que certamente abre espaço para a realização de um trabalho futuro – acreditamos que este estudo oferece um rico retrato sociolinguístico sobre um dos fenômenos de variação linguística mais recorrente no PB com base em uma, até então, inédita amostra de fala. De igual modo, esperamos que esta pesquisa contribua, na medida do possível, com pesquisas futuras sobre a variação na CV com a 3PP, não somente sobre o falar de Fortaleza, mas também de outras localidades do país, possibilitando assim possíveis comparações entre os nossos resultados e de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ALVES DA SILVA, J. A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia. 2005, 340f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11634/1/Tese%20Jorge%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 02 Abr. 2016.

ANJOS, S. E. dos. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999, 140f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.

Disponível em: <http://issuu.com/valpb/docs/um_estudo_variacionista_da_concord>. Acesso em: 16 Jan. 2016.

ARAÚJO, L. E. S. A variável *faixa etária* em estudos sociolinguísticos. In: Estudos Linguísticos de São Paulo, XXXVI(2), 2007. GEL - **Caderno de Resumos**. São Paulo: UNICAMP, 2007, mai-ago. p. 389/398. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2007/sistema06/71.PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

ARAÚJO, A. A. de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de fortaleza**: uma abordagem variacionista. 2007, 152f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3597>. Acesso em: 12 Mar. 2016.

_____. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA. Rio de Janeiro. O Projeto Norma Oral Do Português Popular de Fortaleza – NORPOFOR. **Anais...** Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XV, nº 5, p. 835-845, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_1/72.pdf>. Acesso em: 12 Jan. 2016.

BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. Concordância de número no português brasileiro. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M. de; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editora, 2014. p.71-107.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2013.

ECKERT, P. The whole woman: sex and gender differences in variation. In: **Language variation and change**, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 245-267. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/WholeWoman.pdf>>. Acesso em 13 Nov. 2016.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GUY, G. R. **Linguistic variation in brazilian portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981, 383f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação

em Linguística, Faculdade da Universidade de Pensilvânia, Pensilvânia, 1981. Disponível em: <<http://repository.upenn.edu/dissertations/AI8117786/>>. Acesso em: 04 Set. 2016.

_____.; ZILLES, A. M. S. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994. p. 156-159 Disponível em: <<http://eng.sagepub.com/content/25/2/156.extract>>. Acesso em: 28. Nov. 2016.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Editora Parábola, 2008.

_____. **Principios del cambio lingüístico**: factores sociales. Tradução de Pedro M. Butragueño. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

LEMLE, M.; NARO, A. J. **Competências Básicas do Português Mobral**. Rio de Janeiro-RJ: Fundação Ford, 1977.

LUCCHESI, D. A questão da formação do português popular do Brasil: notícia de um estudo de caso. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 3, 2001, p. 73-100. Disponível em: <www.gpesd.com.br/baixar.php?file=18>. Acesso em: 14 Mar. 2016.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001, 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2001. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_281742871e6dd35be2d3b9842d0380d9>. Acesso em: 12 Abr. 2016.

MONTE, A. **Concordância verbal e variação**: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos. 2007, 120f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/178001?locale=es_ES>. Acesso em: 02 Fev. 2016.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística variacionista**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 15-25.

_____. The social and structural dimensions of a syntactic change. **Language**: LSA, v. 57, n. 1, 1981, p.63-98. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/414287?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 Nov. 2016.

NARO, A. J.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: ST EEVER, S. B. et al. (Orgs.). **Papers from the parasession on diachronic syntax**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 221-241.

OLIVEIRA, M. dos S. **Concordância verbal de terceira pessoa do plural em Vitória da Conquista: variação estável ou mudança em progresso?** 2005, 190f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10981>>. Acesso em: 04 Mai. 2016.

PINTZUK, S. **Programas VARBRUL**. Rio de Janeiro-RJ, UFRJ, 1988.

RIBEIRO, P. R. O.; LACERDA, P. F. A. da C. Variação, Mudança e não mudança linguística: ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística**, v. 09, n. 2, 2013, p.91-105. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:1bWqtllL1kI:www.revistalinguistica.lettras.ufrj.br/index.php/revistalinguistica/article/download/77/205+%&cd=2&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22 mar. 2016.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A; SMITH, E. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 17 Nov. 2016.

SANTIAGO, H. da S. O estudo do português popular brasileiro: sobre algumas fontes. **Revista Pandora Brasil**. PUC São Paulo, v. 1, p. 1-16, 2013. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/portugues_brasileiro/huda.pdf>. Acesso em: 09 Mar. 2015.

SANTOS, V. M. dos. A complexa relação entre gênero/sexo e a variação no uso de pronomes em função de sujeito. CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA. **Anais...** Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CIFEFIL, p. 44-63, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/04.pdf>. Acesso em: 10 Ago. 2016.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro de Letras**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens Universidade do Estado da Bahia-BA, v. 04, p. 01-32, 2012. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo09.pdf>. Acesso em: 05 Ago. 2016.

_____.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Editora Ideia, 1997. p. 113-125.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In. RUFFINO, G. (Org.) **Dialetologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tubingen: Max Niemeyer Verlag, v.5, p. 509-523, 1998.

SGARBI, N. M. F. de Q. **A variação na concordância verbal entre os falantes do Mato Grosso do Sul**. 2006, 196f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/103490>>. Acesso em: 04 Abr. 2016.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

Maria Lidiane de Sousa PEREIRA

Doutoranda e mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Aluiza Alves de ARAÚJO

Professora doutora do curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

Recebido em abril/2017 - Aceito em janeiro/2018